

de, quando as intrigas cortesãs, contribuirão para a sua quêta, elevou-se a tal altura que, obrigado, reassumio o bordão governativo; depois foi o colosso politico abatido e expatriado; quando a calma serenou os animos, ei-lo de novo aos lares patrios e d'ahi a pouco, por designação paterna, encarregado da tutoria dos filhos do fundador do Imperio; e quasi tres annos depois, é preso e em custodia retido n'uma ilha!

Aos 6 de Abril de 1838, entregou José Bonifacio a alma ao creador; e, nesse dia completava sete annos que D. Pedro I o nomeara—como seu verdadeiro amigo e muito probo, honrado e patriótico cidadão—tutor de seus filhos.

E esse tão gigantesco vulto politico e scientifico baixou ao tumulo com o habito de Christo, e esse mesmo obtido na época colonial! Ainda mais, envolvendo-se na campa, legou á sua familia—honra, gloria....e pobreza! Que mais quizera um antigo Spartanoo?!

José Bonifacio, nas phrases de um illustre escriptor, «foi um homem nimiamente honesto, poeta, estadista, e litterato consummado.»

A memoria de seus feitos e de seu nome, ainda a patria não soube erguer um pedestal que seu nome e seus feitos perpetue; e, sendo uma realidade a divida que o Brasil satisfaz áquelle que no Ypyranga soltou o brado—Liberdade ou morte,—propicia é a occasião para solver-se os compromissos de que é credor aquelle que por seus sabios conselhos aconselhou D. Pedro I a libertar um povo e fundar a unica monarchia americana.

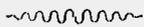
Ambos são dignos da gratidão dos Brasileiros; a perpetuar-se os feitos de um, não se pôde deixar de perpetuar os do outro.

A estatua equestre do 1º Imperador, brevemente surgirá na praça em que a constituição foi jurada; onde e quando será collocada a estatua de José Bonifacio?

Temos fê de que em pouco tempo, os esforços de um distincto poeta e litterato nacional, (1) serão coroados de um feliz exito.

Janeiro 10 de 1861.

F. T. LEITAO.



No mar.

(CONTO PHANTASTICO.)

Era meia noite.

A lua — o astro dos amores — derramava do céu suave luz; era morbida e bella como a face pallida de uma virgem.

E eu unido á *ella* murmurava palavras de amor. Alli no mar estavam sozinhos; livres,

(1) O Illm. Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

como os sanhassús quando abrindo as azas percorrem as campinas. Deos e o céu, a lua e o mar, era sómente o que víamos.

Doce e embriagante prepassava a briza da noite pela popa da nossa canoa.

E nós, vagavamos á tôa soitando palavras de amor!

Algumas vezes eu a contemplava extasiado e deixava do remar. Depois mergulhava os remos no amago das aguas, e então se via cahir umas após outras, gottas de prata.

Era uma noite de luar, bella, como só se vê no Brasil.

Eu tinha deixado de remar. Os remos estavam boiando sobre as aguas e a vela ondulava mollemente na pequena vêrga.

E eu então lhe disse:

— Contempla o céu, vê como é bello!

Que languida luz a da lua; que grandeza!..

E *ella* descancando indolentemente sua loura cabecinha no meu hombro, respondeu-me:

— Sim, tudo isso é bello! Tudo isso é poetico!

Não sei mesmo o que sinto quando gozo o espectralculo de uma noite d'estas! Tudo isso é grande, tudo isso falla de amor!

— Tens razão; que mais podes desejar?

— Eu? nada; sinto que sou feliz, muito feliz...

— E eu tambem. Ao teu lado a vida se desliza tão bella e socegada como um riacho no sertão. Aqui, ambos nós pela primeira vez reunidos, gozamos de uma verdadeira felicidade! A lua vela o nosso amor, é o cirio da paixão. Cantemos.

— Sim, cantemos, disse *ella*.

Em seguida tomou a guitarra. Sua voz perdia-se pelos ares. Era uma canção escripta com sentimento! Enlevava a alma!

Aquella voz chegara-me ao coração: era doce como uma melodia do maestro Bellini. Mas esse canto tinha um que de triste e melancolico que magoava: esse canto entristeceu-me.

A canoa deslizava-se mansamente á mercê das ondas; eu contemplava aquelle anjo de amor.

Embriagou-me o fogo de seus olhos azues... meu coração bateu mais ardente... e... dei-lhe um beijo. Mas esse beijo era puro foi o primeiro e unico.

Depois levantou-se. A's brizas da noite, voavão-lhe os anelados cabellos louros. Era mui bella assim; parecia a estatua da belleza sustentada á flôr das ondas.

Olhou-me e sorriu. Depois agarrando-me a mão pol-a sobre seu peito.

— Sentes, me disse *ella*, sentes este convulsivo bater do coração? Reina-me ahi um quer que seja de phantastico. E' talvez o amor, é talvez a morte.

Callou-se. Eu senti que o coração se me es-talava no peito. Seria um presentimento?

— Sim, continuou ella, é talvez o amor, ou a morte. Tuda no meu ultimo dormir sonhei; vira um anjo acenar-me mostrando o céu. Quem era? não sei. Não acreditais em sonhos?

— Não. Tu tambem não deves acreditar nelles; os sonhos mentem.

— Talvez... murmurou ella com sorriso que cortava o coração.

— Porque pensas na morte? Todo aqui não respira vida e amor? Estrella do meu céu, rosa da minha alma, vida da minha vida, porque seismas?! Abre a flôr da tua alma candida ao fogo do meu amor; desprende o riso de teus acarinados labios; oh! sim dá-me a esperança!

— Cala-te, cala-te; quem te fallou em morrer?! Advinhou'o o coração? Todos temos um destino e eu creio no meu.

— E qual é elle?

— Não sei...

Aquellas palavras pronunciadas a esmo, disserão um canto de dor. Então segurando-lhe em uma das mãos, disse-lhe angustiado:

— Não! tu não has-de morrer aos quinze annos; ninguém te pôde roubar de meus braços! Deos é bom e justo.

— Sim, Deos é bom mas Deos é o destino. Olha...

E ella apontou para a parte do oriente onde se via uma nuvem escura. A tempestade voava para nós nas azas do aquillão. Era o dedo de Deos.

Olhei em roda de mim... quasi que a terra tinha desaparecido á meus olhos. Sentei-me no banco da canoa e remei.

E ella contemplava immovel aquella nuvem que pouco e pouco crescia!

Depois, a tempestade alongando as suas azas sobre o céu, escareceo tudo. O ar que se respirava era ardente — abafava; as ondas inquietas revolvião-se em escarecos, formando lençóes de espuma.

E ella sempre immovel, contemplava a chegada da tempestade!

De repente chegou. Os relampagos e os trovões misturarão-se com a chuva que cahia em torrentes; aquelles deixarão-me ver terra.

Quanto tempo durou a tempestade não sei. Duas horas depois eu já não podia remar; estava cansado. As vagas opederarão-se de meu fragil baixel; cada uma d'ellas era um gigante, era um tumulto!

E ella, meu Deos, sorria-se com um sorriso divinal. Com os olhos erguidos para o céu parecia a rainha das tormentas!

— Ouve, lhe disse eu com as lagrimas nos olhos, senta-te ao pé de mim, que nos trague a mesma onda; morramos juntos!

Ella não me respondeo; olhou para mim

com um olhar indefinivel; não me via. Era uma estatua de gelo!

E a tempestade crescia. Não havia supplicas para abrandal-a — esgotara-as todas. O desanimo e o desalento haviam penetrado em meu coração.

Tinha-a segura nas mãos, queria morrer com ella.

— Vem... vem... eis-me aqui!... Forão as ultimas palavras que lhe ouvi; uma onda immensa arrebatara-m'a dos braços!

Solt-i um grito de desespero! Era como o ultimo gemido do moribundo, como a ultima canção do poeta!

No primeiro impeto de minha dor, atirei-me ás ondas; tinha ainda a esperança de salvar a.

Duas vezes appareceu, duas vezes tornou a sumir-se no fundo do pégo sem eu poder segurá-la. Quando appareceu pela ultima vez, eu apenas pude segurar-lhe nos vestidos que boiavão; depois... desapareceo para sempre.

Então, exausto de fadigas, desmaiei, segurando sempre um pedaço da gaze dos vestidos d'ella.

Podeis rir agora mancebos, contei-vos a minha historia. Já sabeis porque me não rio.

— Mas, depois, depois; perguntarão todos, contai-nos o resto.

— O resto? é este meu viver amargurado de hoje.

Quando acordei no outro dia o sol já era nado. De noite as ondas tinhão-me conduzido á praia da Ilha do Governador, que estava mui proxima; onde uma familia pobre me recolheo.

Deos não quiz que eu partilhasse a sorte d'aquella á quem amava.

Salvarão-me a vida, mas a morte trago-a no coração.

Quizestes ouvir a minha historia, contei-vol-a tal qual me aconteeo.

D'ella, da minha amante, ainda guardo aqui sobre meu peito duas lembranças; quereis velas? eis-as; vede: — é o pedaço de seu vestido e uma trança de seus cabellos.

Dizeis-me á pouco que o amor não matava; vede esta pallidez das minhas faces, pousai a mão sobre o meu coração e vede se bate!

Não vivo — vegeto; não posso na vida encontrar mais um gozo, um amor, uma alegria; meu coração morreu!

Rio 1861.

A. CUNHA.